

1912

—  
Março 30



N.º 10

—  
Volume 1.º

# A MASCARA

Arte — Vida — Theatro

POR

MANOEL DE SOUSA PINTO

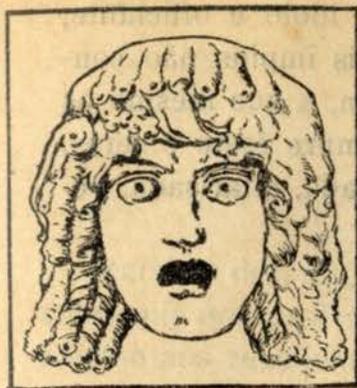
50 Réis

LIVRARIA FERIN, EDITORA  
Baptista, Torres & Ct.<sup>ª</sup>  
70, Rua Nova do Almada, 74  
LISBOA

CE 11

11 11 11

11 11 11



# A MASCARA

Arte — Vida — Theatro

Lisboa 30 de Março de 1912

## XXXII — Invocação á mulher

**S**E, das entranhas mais generosas do mysterio, teu sorriso não ascendesse, pleno de graça, prenhe de magia, cheio de vertigem, á face agradada da terra, para descórar as flores e empallidecer os astros, não luziria o sol vermelho á flor do mundo, porque tu — oh! supremamente luminosa! — sendo para nós o sol da vida, sol de amor, sol de sortilegio, és a razão do outro sol do ceo — que, se em suas alvoradas de alegria não deparasse, nos campos e nas cabanas, nos palacios e nas cidades, nos braços da natura inquietante e nos braços inquietados dos homens, com teu vulto flexivel e fecundo, com tua figura de doçura e de capricho, com tuas infinitas estatuas do desejo, perderia a força de brilhar, desanimaria em sua missão ardente, summindose para sempre no negrume irremivel, apoz seu ultimo, dolorosissimo occaso, queimado do desespero em seu derradeiro crepusculo — renunciando ao horror de, sem te ver e alumiar, ter de se cuidar um cego.

Porque tu és — aurora infindavel! sol terreno! — a lição viva de todas as auras!



Deusa sacerdotisa, oraculo, pythonisa, idolo e officiante, divindade, és a unica religião que os mais impios não contestam, que os proprios iconoclastas acatam, a que mesmo os atheus se submettem e votam fé, pois sempre foste e serás, desde o inicio ao termo do universo, sagrada, altarizada, veneravel: nossa-senhora-a-mulher!



Se, do reino encantado das maravilhas, tua alma — bagatella preciosa, pequeno nada airoso, encantadora miscandilha — não tivesse voado, qual ave azul da lenda, para o jardim capitoso, entontecente, e sempre florido do teu corpo, feito de volupia e tranquillidade — com tua bocca de taça, onde melhor se exhaure, se aprofunda, o gozoso sabor da hora que passa; com o pomar do teu collo, a que as fructas em vão vão copiar o viço ephemero do seu sazramento; com teu ventre, urna de porvir, vela da caricia, regaço onde o futuro se aninha — o mar não brandiria sem repouso aos olhos da terra prostrada a contempla-lo, da terra subida té aos mais altos cimos para o ver maior, o triumpho azul-verde da sua bandeira de aventureiro incorrigivel, não se afadigaria tão de continuo em seus envolventes gestos de abraço incessante, de tenaz posse insatisfeita, nem espumaria tão redobranete e inabavelmente a sua raiva amorosa, amoldante, de ageitar bem á curva impreenchivel de seus liquidos braços o recorte macio das bahias ou o abrupto perfil das enseadas — deixando de, no arfar imperturbavel das suas marés, pretender de balde imitar, quando se alteia ou se rebaixa, o rythmo delicioso de teu seio bipartido, cuja forma as conchas te usurparam.

Porque tu, onda formosa de compridos cabellos — és — oh! inalcançavelmente varia e ondulosa! — um vivo exemplo de oceanos!



Rainha, despota, imperatriz, princeza coroada, és a unica soberania que as democracias não contestam, nem apeiam, que mesmo aos revolucionarios subjugam, que os proprios nihilistas reverenciam, que os mais rebeldes firmam no throno, pois tens sido sempre, e has de ser, tyranica, privilegiada, diademada: sua-magestade-a-mulher!



Se, do ardente vulcão do cahos, tua lavareda brava — o desejo que provocas — se não tivesse escapulado a abraçar-nos no ardor irresistivel de te ganharmos, nunca a humanidade haveria surgido, nem engrinaldado o globo com a flora magnifica do trabalho, nem jámais podido erguer nas mãos levantadas victoriosamente — oh! perennemente victoriosa! — como os pedaços de ferro caldeado que o malho vae domar na incude, essas outras scintillantes, roseas, barras de carne ignea de vida, que são as creanças — faulhas da forja do teu amor rubente. Como, tambem, se da ancia de eternisar a joia enorme, ambulante, do teu corpo indefinivel, não brotasse para o homem a avidez, a necessidade, de o cantar, de o alindar, de o esculpir, de o fixar, de o suggerir ou moldar, jámais a arte — tua filha e irmã melhor — haveria suavizado as almas com sua calma, purissima, unção de sonho.

Porque tu — oh! sobrenatural creadora! — sendo a inspiradora legitima de todo o trabalho, a motivadora de toda a arte, és a augusta depositaria de toda a vida!



Sem ti — bem imprescindível! — a terra seria de novo um  
amalgama miseravel e cahotico: cega, sitibunda, esteril; sem  
o sol, sem o mar, sem a creança — sem o teu sol, o teu mar,  
a tua maternidade — sem ti, mestra do sol, mestra do mar,  
fonte de vida, obra-prima — mulher!



XXXIII—Don Ramon de Capichuela.

*Saynete em verso, sobre um motivo castelhano, de Julio Dantas. A Volta do Filho. Peça de costumes portuguezes, em 1 acto, de João Phoca. (Theatro da Republica 20 de Março)*

**A** festa artistica de Chaby Pinheiro, realisada na penultima quarta-feira no Republica, teve fóros de um acontecimento de primeira grandeza — grandeza justificada pelas proporções da enchente, que foi total, congestionante, assustadora, como ha muito tempo outra igual se não vê; pelas dimensões physicas e meritos artisticos do festejado d'esse beneficio, equiparavel, em proventos, quasi a uma herança; pelo elevado dos preços, que os bilhetes attingiram á porta; e até, pelo tamanho do programma — alliaz de curta execução — que seme lhava, na abundancia dos numeros escolhidos, o de um espectáculo de variedades, onde havia de tudo e para todos os paladares, desde o saynete malicioso da abertura, ás caricaturas de Jorge Collaço; da peça de surpresas, aos commentarios louvaminheiros de um *régisseur lisant au public*, que foi André Brun; das cançonetas yvetteguilbertescas de Angela Pinto, ao faisão famoso, lardeado de rimas doiradas, d'*A Ceia dos Cardeaes*.

Em resumo, uma recita amena, durante a qual, Chaby Pinheiro, querendo reviver, tanto quanto possivel, as noites da excursão Chaby-Phoca-Saraiva-Collaço ao Brasil, não deve ter sentido muitas saudades do outro generoso hemispherio.

Como novidades, houve o *Don Ramon de Capichuela* de Julio Dantas e *A Volta do Filho* de Baptista Coelho (*João Phoca*), bem como a de Chaby mettido pela vez primeira na veste purpurea do *Cardeal de Montmorency* — um *Montmorency* mais nedio que os seus antecessores, menos requintado,

mais terra-a-terra, que me deixou muitas duvidas sobre a vocação cardinalicia do impagavel creador do *Panard*, do *Felisberto*, e do hoteleiro da *Onião*.



No *Don Ramon de Capichuela*, estreado no Pará, deu-nos Julio Dantas um brevissimo saynete agradavel, que me levaria para o contar meudamente muito mais tempo do que leva a representar-se. É, sem o minimo vislumbre de copia — frisa-lo-hei — um dialogo versificado e antigo, cheio de cor, bom para se collocar em symetria, num reportorio, com aquelle outro saynete, em prosa de Courteline, moderno e cheio de ironia, *La peur des coups*, subido ha pouco á scena no mesmo theatro, com o titulo de *Amor ao pello*.

*Don Ramon de Capichuela* é o typo do fanfarão presumpçoso, alardeando de enfiar a eito, em imaginarias rixas, com a sua espada, quantos tópa na sua frente, como frangainhos num espeto. A amazia — *Rosal* — que lhe sabe da balda e do medo, combina da janella com uma invisivel vizinha — *Mari Zarpa* — pô-lo, para rirem, á bulha com o amante d'esta, outro Ferrabraz só de palavras. Diz por isso a *Don Ramon* que o amigo de *Mari Zarpa* — *Gil Parrado*, outro que se não vê — lhe faz a corte, e a viu calçar as meias, achando-lhe lindas as pernas. *Don Ramon*, temendo os riscos da desafronta, não se julga melindrado:

*É um homem delicado.*

*Outro fôsse elle, coitado,*

*Qe as tivesse achado feias.*

*Rosal* conta mais atrevimentos do visinho, e acaba por o desafiar epistolarmente, em nome de *Don Ramon*. Quando,

lá fóra, os dois rivaes se encontram, grita o blasonador *Don Ramon*: aqui d'el-reil, e vem a tremer como varas verdes esconder-se em casa atraz de uma cadeira, até que, um pouco repostado do susto, retoma a habitual fanfarronice para pedir a *Rosal*:

*Vae lá vêr se eu o matei!*

Interpretaram o rapidissimo acto *Jesuina Saraiva*, muito discretamente, e *Chaby*, que compoz optimamente o espada-chim poltrão, vestindo-o bem e animando-o com um colorido e um pittoresco, que, na passagem em que o brigão covarde bebe, ripançoso e derramado na cadeira, o seu Xerez doirado, me fizeram ter o presentimento do esplendido trabalho com que *Chaby Pinheiro* pode vir um dia a regalar-nos, se se der, com amor e tempo, ao estudo das *Alegres Comadres de Windsor* ou do *Henrique IV* de Shakespeare. Ou eu me engano muito, ou está alli o gordo embryão de um *Falstaff* assignalavel.

*A Volta do Filho* consiste num dialogo comprido e mal escripto, entre um casal aldeão, mulher e marido, que esperam um filho ido para o Brasil em pequeno, e que chega no fim de automovel. Explorando com manhoso sentimentalismo, ora a graça, ora a surpresa, arma *A Volta do Filho*, seguindo a moda, em pecinha de fantoches taludos, ou seja o triumphante genero do *Grand Guignol*.

Salvou-se, apenas, pelo desempenho de *Jesuina Saraiva*, assaz feliz na velha rabujenta, e de *Chaby*, perfeito de naturalidade no velho. O final do acto, sobretudo, fê-lo como um grande comico, e só assim conseguiu obter perdão para a insonsidez infantil do papagaio e para a grosseira artimanha do telegramma de *João Phoca*.



XXXIV — Uma tentativa escolar  
gilvicentina

**S**EGUINDO na esteira louvavel de Affonso Lopes Vieira, com as suas modernizações de Gil Vicente, tambem Cardoso Martha, o futuro compendiador das mulheres de Horacio, foi buscar ao saborosissimo classico dos *Autos das Barcas* um saboroso trecho, para, depois de ligeiramente o desempear dos velhos archaismos desusados, o fazer representar por alguns alumnos da Escola Academica, numa festa alli effectuada a 13 d'este mez.

Não assisti á representação, mas devo a Cardoso Martha a gentileza da offerta de um exemplar do seu consciencioso trabalho restaurador — *O Fidalgo Presunçoso* — feito sobre as primeiras scenas da deliciosa *Farça dos Almoceves* de mestre Gil.

Se aos ensaios vicentinos de Affonso Lopes Vieira, no theatro, á luz vigorisante da ribalta, os tenho applaudido com animo decidido e caloroso, não applaudirei menos esta primeira, modesta, experiencia de Gil Vicente na escola, aos olhos curiosos das bancadas, para um publico, que, talvez ainda melhor que o das distrahidas salas de espectaculo, tem muito a lucrar com o conhecimento da antiga litteratura.

O commettimento de Cardoso Martha, sendo, por isso, o de um litterato probo e illustrado, é tambem — compete destaca-lo — obra de um intelligente educador, que de tão insinuante e proveitosa maneira cumpre o preceito saudavel de ensinar deleitando.

Apezar da pratica ir demonstrando inequivocamente o contrario, os modernos arranjadores de Gil Vicente, manifestam todos um exagerado receio de que as suas plateias venham a enfadar-se ou a confundir-se com as mais correntes passagens das obras do genial poeta comico de 1500, quando Gil Vicente precisamente me parece, entre todos os classicos do seu tempo,

e mesmo de outras epochas, o mais desenfadado, comprehensivel, conciso e communicativo.

Enfermou algum tanto d'esse infundado temor Cardoso Martha, na adaptação scenica que ora fez da *Farça dos Almocreves*. No original, o esfomeado *Capellão*, iniciando a obra, entra e diz:

*Pois que não posso rezar,  
Por me ver tão esquipado,  
Por aqui por este arnado  
Quero hum pouco passear  
Por espaçar meu cuidado,  
E grosarei o romance  
De Yo me estava en Coimbra,  
Pois Coimbra assim nos cimbra,  
Que não ha quem preto alcance.*

seguinto com a glosa do romance:

*Yo me estava en Coimbra,  
Cidade bem assentada;  
Pelos campos de Mondego  
Não vi palha nem cevada.  
Quando aquillo vi mesquinho,  
Entendi que era cilada  
Contra os cavallo da côrte  
E minha mulla pellada.*

*Logo tive a mao sinal  
Tanta milhan apanhada,  
E a peso de dinheiro  
Ô mula desempurada.  
Vi vir ao longo do rio  
Huma batalha ordenada,  
Não de gente, mas de mus,  
Com muita raiva pisada.  
A carne está em Bretanha,  
E as couves em Biscaia,*

e continuando:

*Sam capellão d'hum fidalgo  
Que não tem renda nem nada;  
Quer ter muitos apparatus,  
E a casa esfaimada ;  
Toma ratinhos por pagens,  
Anda já a cousa damnada.  
Quero-lhe pedir licença,  
Pague-me minha soldada.*

Receando certamente cançar a atenção da assembleia, dominado por um encurtante desejo de brevidade, Cardoso Martha saltou, logo de entrada, do verso 5 para o 28, o que, se não affecta sensivelmente a clareza da personagem, privou os ouvintes de uma tirada interessante.

Esse, no entanto, como muito poucos outros, que poderia apontar nas fallas restantes do *Capellão*, do *Fidalgo*, do *Pagem*, e do *Ourives*, não constituem senão bastante para que **A Mascara**, gilvicentista apaixonada, regateie as felicitações devidas a Cardoso Martha, pelo seu registavel empreendimento, precedido na representação e na impressão de algumas palavras justas e brilhantes do adaptador, a respeito do imperecedouro classico e da sua epocha memoravel.



XXXV — Ensaio de interpretação  
de Aristophanes no Conserva-  
torio. (23 de Março)

**A**PEZAR da estreitez do meio, da carencia de certos elementos quasi imprescindiveis, e da mingua de indispensaveis recursos de local e custeio, Julio Dantas promette deixar marcada a sua estada na direcção da Escola da Arte de Representar com varias recommendaveis tentativas de transgressão á rotina e de cultura.

Dentro do miserrimo pardieiro dos Caetanos, reduzido a meia duzia de salas velhas e abanantes, o palmeado auctor d'*A Ceia dos Cardeaes* sonha com ir, pouco a pouco, realisando um ensino novo num novo edificio, em transformar lentamente os methodos velhos e as velhas paredes, em vir a conseguir, numa limpa e arejada escola, uma educação professional arejada e decente.

É sua principal preocupação, por um lado, estabelecer desde cedo o contacto entre os seus alumnos e o publico, com quem mais tarde terão de entender-se; familiarisa-los, tanto quanto possivel, com a sensação das futuras plateias desconhecidas; e, por outro, o fornecer-lhes, mediante resumidas representações, forçosamente truncadas e humildes, um conceito mais exacto, directo e impressionante das obras mais celebres do theatro de todos os tempos.

Seguindo essa orientação, já os alumnos do Conservatorio deram no Normal duas recitas interessantes, com trechos de varios auctores dramaticos nacionaes, Gil Vicente, Camões, D. Francisco Manuel e O Judeu, e com excerptos da nordica dramaturgia de Strindberg, Gorky e Maeterlinck. Preparam agora, para muito breve, um terceiro espectáculo, demonstrativo da comedia grega e latina e do drama indú, para o qual foram escolhidos dois trechos de Aristophanes, uma

passagem da *Sakuntala* de Kalidasa, e a variante camoneana do *Amphytrião* de Plauto.

Para o ensaio dos dois numeros gregos, os unicos compativeis com o tamanho e desguarnecimento da sala onde se deram, convidou Julio Dantas, no passado sabbado, um reduzido auditorio, em que **A Mascara** lhe agradece ter tido participação.

Num pequeno tablado, armado a um canto, apoz algumas explicadoras palavras do organisador á assembleia, deu-se principio á representação do mui citado e typico *Episodio do Justo e do Injusto* da comedia *As Nuvens*, de Aristophanes, pelos alumnos Luiz Ripado (*O Justo*), e Othello de Carvalho (*O Injusto*), que se portaram bem, e pela alumna Maria Gueirin, muito gentil no *Phidippide*.

Não é caso de tratar aqui do valor do animado duello contradictorio entre a velha e a nova educação grega, em que o formidavel satyrico atheniense deu largas inspiradas ao seu odio dos sophistas e de Socrates. Julio Dantas — julgo eu — traduziu a scena com elegancia e fluencia, attenuando, porém, demais certas cruezas caracteristicas da aristophanesca linguagem, o que dá ao terrivel insultador um ar delicado, que, em parte, o desfigura.

Tivemos a seguir outro trecho do mesmo poeta, cerzido de varias passagens de *Os Passaros*, que hesito em classificar de *parabase*, como o seu traductor — que julgo ainda ter sido Julio Dantas — pois que, contendo certamente alguns elementos da conhecida *parabase* da obra-prima de Aristophanes, me parece incluir tambem versos que lhe não pertencem. Coube á alumna Beatriz de Almeida, que dispõe de voz harmoniosa, o difficil encargo de nos fazer ouvir o leve e doce lyrismo da maviosissima *Poupa* da *Nephelococygia*.



XXXVI—A Evocação da Vida  
por Augusto Casimiro. (Bibliotheca  
da RENASCENÇA PORTUGUESA. F.  
França Amado, editor. Coimbra  
1912)

**E**M formato grande, trazendo na capa uma linda sanguinea de Antonio Carneiro, o delgadissimo volume rimado de Augusto Casimiro — *A Evocação da Vida* — inaugura a Bibliotheca da *Renascença Portuguesa*, sociedade de litteratura, critica e saudade, com séde no Porto e *A Aguia* por orgão.

O livro de Augusto Casimiro, de um transcendentalismo ôco e inaprehensivel, em que as palavras se succedem tão abundantes e vãs como as maiusculas, deu-me a ideia de uma dissertação apressada sobre a Vida, escripta de fio a pavio, para preencher com as linhas mais ou menos eguaes e espaçadas o vasio de setenta paginas.

É, apenas, um documento de facundia e verbosidade, onde só muito de raro em raro uma scentelha de poesia faisca, prejudicada pela abalada vertiginosa do auctor, que, na sua precipitação, chega a *ver* vozes, o que nem a Joanna d'Arco aconteceu:

*E entam eu vi, na luz harmoniosa,  
No inefavel silencio que tocava,  
Extasiado, as vastidões do empíreo*

*Aquela voz fantastica, radiosa,  
Efluvio que em minh'alma se tornava  
Em heroismo e em delirio! . .*

*Eu via a absorver-se concentrar-se,  
Abrangendo na sua ideal essencia  
O resplendor dos sois!*

Não me parece, por isso, dos melhores o volume inaugural da *Bibliotheca da Renascença Portuguesa*, nem, com elle, Augusto Casimiro, por emquanto, um poeta dos que, segundo um seu collega no grupo, obrigam Jupiter a gritar no Olympo, com os olhos *desorbitados* de assombro: *Fechem-me essas janellas! Quem quebrou o cristal do Olimpo? Que vento é este que me atravessa os ossos? Que é aquillo, alem?*

Porque, apoz o seu mirifico descobrimento da saudade-panacea, a *Renascença Portuguesa*, na sua missão sybilina, creou agora um Olympo para seu uso, com janellas, como se viu — talvez mesmo com taboinhas — de onde Venus convida os poetas a subirem, para fazerem com ella uma nova humanidadesinha, dirigindo a cada um dos que cahem na esparrela galanteios d'esta força:

*Como ele é belo! As suas palavras são candentes como os sois, impetuosas como as erupções de astros, meigas, tristes e doces como o gemido da ultima que beijou a face linda da lua!*

Querem mais liberdade de philosophia?



XXXVII— O Livro de Job. *Tradução em verso, (Com um estudo sobre o poema), por Bazilio Telles.* (Lello & Irmão, editores. Porto 1912)

**H**A muito que se annunciava, com gaudio dos lettrados, andar Bazilio Telles, a inconfundivel figura de austero pensador, trabalhando com afinco e carinho numa traducção portugueza do *Livro de Job*, um dos primores da hebraica litteratura, obra adusta, contorcida, amarissima, epopeia do desespero, drama da duvida, em que, ao sopro de um simum crestante, parece gemer, com lagrimas de fogo e gritos de sede, a voz esteril, abrazada, desolada, de um deserto de areia, sem o repouso de uma sombra.

O trabalho de Bazilio Telles, o grande espirito por todos respeitado, sahiu agora a lume numa edição muito modesta de Lello & Irmão, e força é confessar que esta versão do *Livro de Job*, em que o escrupulo se palpa com o esforço, não corresponde á confiada esperança que a aguardava.

Renegando, em seu dizer, da prosa, da prosa viril e energica, que seria o unico meio de conservar ás estranhas lamentações do hebraico o seu vigor original, Bazilio Telles adoptou, para a equivalencia dos seus disticos, uma forma hybrida, mechanica, arhythmica, que elle chama verso — que o é, com boa vontade, até certo ponto — mas que, sem ser livremente prosa harmoniosa, não consegue dar senão a ideia de uma linguagem confusa, dura, atormentada, de desagradavel e fatigante leitura.

Em seu preclaro espirito, devia o proprio trrductor ter antevisto a ineficacia da forma escolhida, quando na *Explicação previa* escreveu: «Por isso as trasladamos em verso — ás parabolos do incognito poeta — tendo, porém, o cuidado de préviamente o despojar da rima, da symetria estrophica como em

geral é comprehendida, de quanto, emfim, representa meios secundarios d'expressão, para só lhe manter a paridade de syllabas, as dimensões e o systema das pausas, familiares aos poetas portuguezes. Reduzido assim, com as tres restricções apontadas, ao seu elemento primitivo, e aliás o unico essencial, isto é, a rythmos entre si iguaes, ou resoluveis em relações harmonicas simples. . . . .»

Da monotonia inesthetica de taes *relações harmonicas simples*, vae o leitor julgar por este exemplo:

*Cinge os teus lombos como um homem;  
Responde; vou interrogar-te.*

*Quer's, pois, anniquilar minha justiça,  
E, por defeza tua, condemnar-me?*

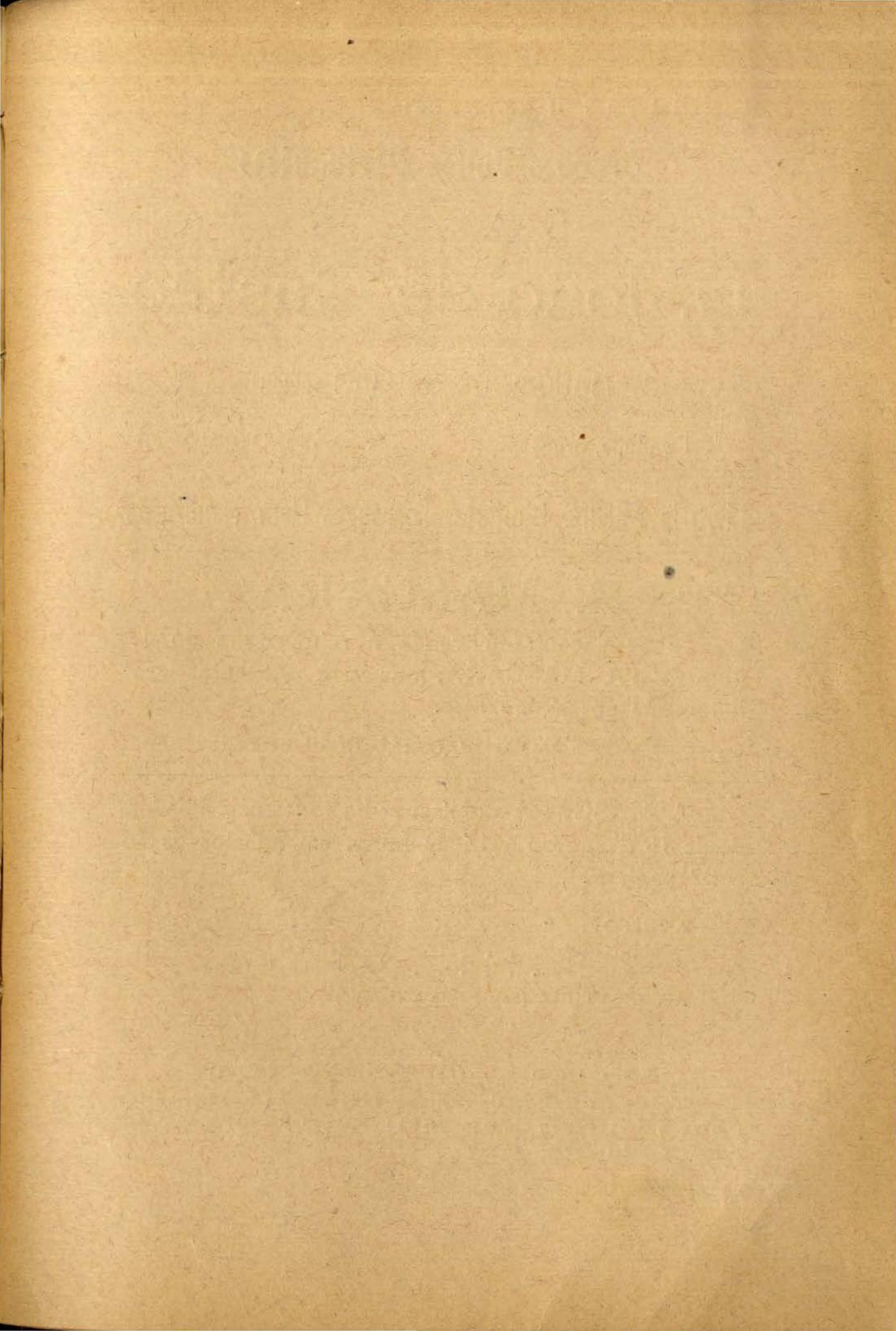
*Terás um braço como Deus,  
Trovejarás com voz igual?*

*Adorna-te de glória e magestade,  
Cobre-te d'esplendor magnificente;*

*Dá livre curso aos teus accessos d'ira,  
Humilha o insolente co'um olhar;*

É-me doloroso não poder louvar, com toda a respeitosa sympathia que o nome consagrado de Bazilio Telles me merece, esta sua nova producção, mas a quem tão alto, como elle, preza a sinceridade, eu não saberia offender, buscando disfarces á verdade.

Para verter o *Livro de Job*, que é uma obra d'arte amarga, requerer-se-hia um artista, que, deixando-se possuir da sua emoção, a consubstanciasse em novas palavras. Bazilio Telles é um sabio e um pensador. Compreendeu maravilhosamente a obra do *beduino eminente*, que define com felicidade: *uma d'essas raras organizações artisticas, synthese e resumo em alto relêvo da sua raça ou da sua epocha*. Não a sentiu, porém, e, sobretudo, não logrou fazer-no-la sentir — que era o que mais importava.



Novidade litteraria:

## Grandes Vultos Portugêses

I

# D. João de Castro

POR

MANOEL DE SOUSA PINTO

1 volume, brochado ..... **400 réis**

Livraria FERIN. Baptista, Torres & Com.<sup>ta</sup>, editores

---

## A MASCARA

Já se encontra á venda a reimpressão do 1.<sup>o</sup> numero d'A MASCARA, que será distribuída gratuitamente aos assignantes.

===== **Avulso, 50 réis** =====

---

A MASCARA publicar-se-ha todos os sabbados, desde 15 d'outubro a 15 de Julho, em folhetos de 16 a 32 paginas.

### PREÇOS

#### AVULSO:

Portugal. . . . . 50 réis  
Brasil. . . . . 250 réis (moeda fraca)

#### ASSIGNATURA (pagamento adiantado):

Cada serie de 10 numeros

Portugal. . . . . 550 réis  
Brasil. . . . . 2\$500 réis (moeda fraca)

Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida á LIVRARIA FERIN, Editora, BAPTISTA, TORRES & C.<sup>TA</sup>, 70, Rua Nova do Almada, 74.